

Na corrida pelo Executivo, a esquerda se divide no DF com dois candidatos na disputa

Uma parte pede a frente ampla, enquanto a outra recusa o apoio de quem esteve com Ibaneis e Celina

Por **Mateus Lincoln**

Apesar de ter perdido popularidade, a atual governadora, Celina Leão (PP), ainda lidera a corrida ao Executivo do Distrito Federal. Em dezembro de 2025, pesquisa Real Time Big Data indicou que ela detinha 40% das intenções de voto.

Recentemente, na pesquisa estimulada da Exata OP, Celina, apesar de continuar à frente, marcou 23,4%.

Mesmo com a queda de popularidade da principal adversária, o assunto entre a oposição ao governo do DF (GDF) tem sido outro: a concorrência simultânea de dois candidatos do campo progressista, Leandro Grass (PT) e Ricardo Cappelli (PSB).

Ainda segundo dados da Exata OP da última semana, podem ser compreendidos os motivos por trás deste debate.

No pesquisa estimulada, quando os participantes recebem uma ficha com dez nomes, depois de Celina, com 23,4%, vem José Roberto Arruda (PSD), com 17,3%.

Já os pré-candidatos ligados à esquerda ficam em terceiro (Leandro Grass, do PT, com 15,5%) e em quarto (Ricardo Capelli, do PSB, com 6,4%). Se somados, os dois ultrapassariam Arruda



Ricardo Cappelli (PSB) pede aliança com partidos de centro, já Leandro Grass (PT) limita apoio à esquerda

e empatariam com Celina na margem de erro, ficando com 21,8%.

ESQUERDA DIVIDIDA

O tema está sendo comentado também na Câmara Legislativa (CLDF). O distrital Max Maciel (PSol) chegou a abordar o assunto publicamente nas redes sociais.

Pelo Instagram, ele apontou o momento atual como decisivo para a união de candidaturas, citando a queda de popularidade do GDF após a crise do Banco de Brasília

(BRB) e também o desgaste de nomes da base governista.

“Toda vez que a esquerda ganhou em Brasília, foi porque a direita se dividiu. Neste momento, a direita está dividida”, afirmou Maciel.

Ao Correio da Manhã, ele definiu que se trata de uma ação tática, argumentando que, separados, os pré-candidatos de esquerda podem ficar fora do segundo turno.

Vice de um, vice de outro “Eu convidei o Leandro Grass para ser meu vice e até hoje aguardo a resposta”, con-

tou Ricardo Capelli ao Correio da Manhã.

O pré-candidato do PSB afirma que é impossível o PT vencer as eleições no DF, visto que, nas últimas eleições, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva alcançou apenas 41,19% dos votos em Brasília.

“Qual candidato do PT vai conseguir mais votos que Lula? Não existe. E essa não é a minha opinião, mas a opinião dos brasilienses comprovada em fatos”, disse.

Leandro Grass, por sua vez, informou à reportagem

que também convidou Cappelli para ser vice na chapa Federação da Esperança (PT - PCdoB - PV), mas o pré-candidato do PSB recusou.

“Mas continuamos com as portas abertas para o diálogo com o partido, assim como seguimos dialogando com todas as legendas alinhadas com o campo popular e progressista, que fazem oposição ao ‘desgoverno’ Ibaneis-Celina”, declarou Grass.

FRENTE AMPLA

Capelli defende que o melhor caminho é a formação de uma frente ampla, integrando nomes de centro e centro-direita contrários ao bolsonarismo e que fizeram oposição ao Executivo do DF.

“Porque uma frente somente de esquerda e com o PT na cabeça da chapa não ganha eleição”, comentou.

Já Max Maciel discorda da iniciativa, justificando que os centristas estiveram ao lado do GDF no último governo.

“Eles apoiaram e foram fieis a Ibaneis e Celina até hoje”, declarou o distrital.

Cappelli, por sua vez, rebateu as críticas. E citou nomes de centro que poderiam formar aliança, como a deputada Paula Belmonte (PSDB), que se opôs ao GDF ao longo do mandato.

Quadra Capital desiste da união com o BRB

Por **Mateus Lincoln**

O Banco de Brasília (BRB) informou que encerrou, de forma consensual, as negociações com a Quadra Capital para estruturar uma operação envolvendo ativos de carteira da própria instituição.

Segundo nota enviada à reportagem pelo banco, a decisão foi tomada após o fim do período de tratativas previsto entre as partes e ocorreu por divergências sobre os parâmetros econômicos e financeiros considerados adequados para a operação.

Com isso, a instituição informou que fará diretamente a gestão e a recolocação desses ativos no mercado.

Em nota enviada à reportagem, o banco declarou que “as tratativas mantidas com

a Quadra Capital para a estruturação de uma operação envolvendo ativos de sua carteira foram encerradas, de forma consensual, após o término do período de negociações previsto entre as partes”.

Também informou que a descontinuidade ocorreu por divergências relacionadas às condições financeiras discutidas durante o processo.

A operação havia sido anunciada em abril, após a aprovação do Conselho de Administração e assinatura de um memorando de entendimento (MoU) com a gestora.

O plano previa a criação de um fundo de investimento destinado à transferência de ativos detidos pelo BRB, oriundos de operações recebidas do Banco Master.

Segundo o comunicado di-

vulgado na época, a operação tinha valor de referência de R\$ 15 bilhões. Desse total, entre R\$ 3 bilhões e R\$ 4 bilhões seriam pagos à vista, enquanto o restante, estimado entre R\$ 11 bilhões e R\$ 12 bilhões, seria representado por cotas subordinadas do fundo responsável pela gestão e monetização dos ativos.

A efetivação da proposta dependia do cumprimento das condições previstas no memorando firmado.

Com o fim das negociações, o BRB informou que fará a administração desse processo internamente.

Em nota, afirmou que a estratégia reforça o compromisso com a geração de valor e a defesa dos interesses de acionistas, clientes e demais públicos de relacionamento.



O banco declarou que “segue sólido” e “com plena capacidade operacional”

DIVULGAÇÃO BRB